

IMAGINAÇÕES MULTIESPÉCIES SOBRE O NOVO CORONAVÍRUS

Eloísa Cecília Dias Martins

Pós-graduada em Perícia e Auditoria Ambiental pela UNINTER- Caetité; Graduada em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ensino Linguagem e Sociedade – PPGELS.

Elizeu Pinheiro da Cruz

Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA), Bacharel em Humanidades (UFBA) e Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Sidney Fernandes dos Santos

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2014) e Mestra em Linguística pela mesma instituição, Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Licenciada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia.

RESUMO

O ano de 2020 está sendo marcado pela pandemia do novo coronavírus. Como à época da gripe espanhola, em 1918, mais uma vez uma pandemia viral provoca terror no mundo pelo somatório das suas vítimas fatais. Em diversos lugares do planeta, corpos sem vida são enfileirados e faltam caixões e coveiros para os ritos funerários. Entre palavras de ordem que são ecoadas por segmentos das elites empresariais que têm como égide a manutenção dos lucros de grandes cooperações e rentistas, medidas profiláticas obrigatórias para conter a pandemia de COVID-19, doença provocada pelo novo coronavírus, promovem um momento no qual o planeta conseguiu respirar melhor. Uma pausa! Mais uma vez, constata-se que a dinâmica planetária não depende da existência dos humanos para seguir seu curso. Frente a este cenário analítico, os autores deste texto apresentam uma reflexão sobre a pandemia do novo coronavírus e uma possibilidade de intervenção nestes tempos de catástrofes por meio da criação de um Observatório de Emergências Sanitárias e Ambientais.

Palavras-chave: Pandemia. Catástrofes. COVID-19. Observatório.

Evite aglomerações; não faça visitas; tome cuidados higiênicos com nariz, boca, garganta; os doentes façam repouso e não recebam absolutamente nenhuma visita; evite

as causas dos resfriados; aos idosos, apliquem-se com mais rigor todos esses cuidados¹. Estas falas parecem ser as recomendações de ontem à noite durante a coletiva do Ministério da Saúde do Brasil, mas não são. Elas estão escritas em um folheto do ano de 1918 sobre os cuidados com a gripe espanhola – que de espanhola só tinha o nome².

No dia 04 de março de 1918, um soldado em Fort Riley nos Estados Unidos, apresentou sintomas de uma forte gripe. O acampamento que treinava americanos para lutarem na Primeira Guerra Mundial registrou, naquela mesma semana, 200 soldados com os mesmos sintomas. Em quatorze dias, mais de mil militares estavam nos hospitais. No pico da epidemia, entre os acampamentos do exército, mais de 1.500 militares eram acometidos pela enfermidade em um único dia. A doença alastrou rapidamente pelos Estados Unidos e, no corpo dos soldados americanos que foram para a guerra, chegou à Europa. Do velho continente, espalhou-se por todo o mundo. Estatisticamente, entre 50 a 100 milhões de pessoas morreram. Um montante maior do que os das duas grandes guerras juntas (TASCHNER, 2018).

Locais públicos fechados, sistemas de saúde sobrecarregados, mortuários lotados e valas comuns são lembretes da devastação. “*Quando se fala de pandemia de gripe, não é uma questão de se, mas de quando*”. Assim inicia o documentário *Pandemia* lançado em janeiro de 2020 e disponível no sistema de *Streaming Netflix*. Parecia profético: em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde, em seu escritório na China, foi informada sobre casos de pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província chinesa de Hubei. Até 03 de janeiro de 2020, 44 pacientes diagnosticados com os mesmos sintomas foram notificados. Em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas identificaram um novo tipo de coronavírus; em 13 de janeiro, a Tailândia relatou o primeiro caso; em 15 de janeiro, o vírus chegou ao Japão; e, em 20 de janeiro, à República da Coreia (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Os vírus não respeitam as fronteiras das nações, xenofobia nunca foi tão indispensável como em momentos de pandemia causados por eles.

Em 20 de fevereiro em Codogno, na Itália, foi relatado o primeiro caso de uma pessoa acometida por doença causada pelo novo coronavírus, apesar de o médico Danilo

¹ Disponível em: <<https://diariodorio.com/wp-content/uploads/2020/03/WhatsApp-Image-2020-03-18-at-14.47.47.jpeg>> Acesso em 01 de abril de 2020.

² No período da Primeira Guerra Mundial, a Espanha permaneceu neutra, por isso, possuía uma imprensa livre. Apesar de ter iniciado no Kansas, Estados Unidos, o governo Norte Americano e os demais países envolvidos na guerra não publicavam nenhuma notícia relacionada à gravidade da doença para não abater as tropas. A Espanha, com imprensa livre, divulgava todas as estatísticas e outros dados sobre a gripe, que, por isso, ficou conhecida como gripe espanhola.

Cereda, da Direção Geral de Saúde da região da Lombardia, ter publicado um artigo atestando que, provavelmente, desde o dia 1º de Janeiro, o vírus circulava pela região sem ser detectado e tendo tempo de se propagar por várias cidades da região norte italiana. Em 8 de Março, 5.830 pessoas haviam sido infectadas na Itália. Ao longo do mês, a Itália chegou a registrar 756 mortes em 24 horas. No dia 29 de março de 2020, as autoridades italianas registraram um total de 10.779 óbitos e 97.689 casos da doença (FIORAVANTI, 2020). Excessos de cadáveres passam mais de 24 horas em filas antes de o governo italiano gerir a morte.

O novo coronavírus se espalhou rapidamente pelos cinco continentes, deixando um rastro de caos, morte e pânico. Pelas terras tupiniquins, foi confirmado o primeiro caso no dia 26 de fevereiro de 2020, no estado de São Paulo; o infectado era um homem de 61 anos que viajou para Itália entre os dias 9 e 21 de fevereiro. Um mês e uma semana após, as secretarias estaduais de Saúde divulgaram um total de 4.309 casos de coronavírus confirmados e 139 mortes em todo o território brasileiro.

Desde então, o Brasil e outros países afetados têm adotado o isolamento social (*lockdown*) como medida para achatar a curva de contágio do novo coronavírus. E é daqui, de nossa quarentena, que estamos tentando levantar um diálogo por meio deste texto.

No livro “*No tempo das Catástrofes*”, Isabelle Stengers (2015, p. 8) escreve: “Amanhã, como ontem, nos pedirão para aceitar os sacrifícios exigidos pela mobilização de cada um para esse crescimento e reconhecer a imperiosa necessidade de reformas, pois o mundo mudou”. Depois dessa pandemia de coronavírus, o mundo será outro e, mais uma vez, teremos, nós humanos, que nos reerguer como portadores de um milagre para esse novo mundo que nos será legado. E, talvez, estejamos mal preparados para recebê-lo.

Os discursos que circulam pelos noticiários não poderiam ser mais contraditórios. Enquanto a Organização Mundial da Saúde – OMS e o Ministério da Saúde do Brasil fazem campanhas pelo isolamento social, tentando, de todas as formas possíveis, conter a transmissão descontrolada do vírus por toda a população brasileira, sugerindo medidas de higiene, distanciamento físico e isolamento, o Presidente da República Jair Bolsonaro saiu, em frente ao palácio do planalto, vestido com a camisa da seleção brasileira de futebol, em meio a uma manifestação pró-governo, tocando as pessoas, fotografando e contrariando todas as medidas ditas anteriormente. Bolsonaro e sua claqué, visualmente,

encenam algo que nos faz lembrar a imagem de um boiadeiro tocando o gado para o abate. Veganos se assustam com essas cenas e, em suas casas, preparam refeições sem sangue.

Como se não bastasse, em seu pronunciamento oficial no dia 24 de março de 2020, o Presidente da República atribuiu à mídia brasileira a disseminação do pavor e a potencialização da histeria pelo país por informar à população o grande número de vítimas na Itália, principalmente. Nesse mesmo pronunciamento, solicitou à população brasileira que retornasse à normalidade e que governadores e prefeitos, favoráveis ao isolamento social (*lockdown*), abandonassem o conceito de “terra arrasada”. Vangloriou-se do seu histórico de atleta e chamou, mais uma vez, a COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, de “gripezinha” e “resfriadinho”³.

Stengers (2015) pondera que os “nossos responsáveis”⁴ esperam que um milagre possa nos salvar. E, acreditamos, como ela, que talvez este seja o milagre da técnica. Em 2014, o empresário e filantropo Bill Gates, em uma palestra no *TEDTalks*⁵ já havia alertado a respeito da técnica. Gates afirmou que a catástrofe que mais nos preocupava, à época, era uma guerra nuclear. No entanto, para ele, essa preocupação ficou no passado, pois, se algo matar mais de dez milhões de pessoas nas próximas décadas, é mais provável que isso seja um vírus altamente contagioso do que uma guerra. Um dos motivos, segundo ele, é que houve muito investimento em estratégias antinucleares e pouco investimento em um sistema de saúde capaz de deter uma epidemia. Cortes de verbas para a ciência brasileira tornaram-se constantes nos últimos anos. Gates parece mesmo ter razão.

Para Gates, a técnica estaria concentrada em uma estratégia de guerra. Assim como soldados estão prontos para serem convocados a uma guerra a qualquer momento, também os profissionais ligados ao combate da epidemia deveriam estar. Os países pobres, segundo ele, deveriam ter um sistema de saúde forte, que, além de garantir que uma mulher dê a luz em segurança com todas as medidas profiláticas essenciais e que as crianças tenham acesso a vacinas, também sejam locais capazes de diagnosticar uma emergência de saúde logo no seu início, com um corpo de médicos experientes e prontos a agir com expertise. Para isso, são necessários investimentos em áreas avançadas de vacinação e de diagnósticos.

³ O depoimento oficial está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE> Acesso em: 01 de abril de 2020.

⁴ A autora denomina aqueles que nos governam de “nossos responsáveis”, uma denominação irônica sempre entre aspas. Trata-se daqueles que se pretendem responsáveis, são os que devem responder por nós.

⁵ Palestra completa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Af6b_wyiwI&t=320s> Acesso em: 01 de abril de 2020.

Bill Gates, que é o fundador da Empresa Microsoft, não possui nenhuma formação em áreas biológicas, em 2014, foi a uma palestra no *TEDTalks*, não para falar de sistemas operacionais da informática, mas para relatar uma de suas preocupações pessoais: “*Não estamos preparados para uma epidemia*” (GATES, 2014). Talvez, se tivéssemos implantado algumas das técnicas sugeridas pelo filantropo, agora estaríamos um pouco mais equipados. Ainda assim, uma pandemia nos atingiu e, mais uma vez, como no período da gripe espanhola, aviária, suína, ebola, nós não estávamos prontos. A nova pandemia não discrimina ricos e pobres, todos são alcançados por ela.

Segmentos das elites brasileiras, especialmente aqueles ligados ao empresariado, assumem a “economia” como palavra de ordem, porque, como afirma Stengers (2015), está fora de questão tocar nas leis de mercado e nos lucros das indústrias. Porém, mais uma vez, repetimos, não estávamos preparados para a novidade da COVID-19 que contrariou todas as expectativas pandêmicas que já foram traçadas. Bill Gates falou de um sistema de saúde robusto nos países “*mais pobres*”, porque esperava que uma pandemia tivesse, como ponto inicial de surto, em um país do “submundo econômico”. Somos, Brasil e outras nações pobres e subdesenvolvidas, sem saneamento adequado e com um sistema de saúde precário, exportadores de dengue, zika, diarreia, malária, chikungunya, fome... Mas a COVID-19 surpreendeu a todos, o ponto invisível que prendeu o mundo num vórtice de morte e pavor surgiu em uma das economias mais emergentes da atualidade, a China. Afetou, primeiramente, os países com melhores condições econômicas, tanto que, lá no início, quando ainda não se tinha noção da gravidade do que estava acontecendo, um comediante de *stund-up* disse que não precisávamos nos preocupar porque era um vírus de rico e que, se chegasse ao Brasil, a culpa seria dos ricos que viajam para a Europa. Ninguém esperava que as economias consolidadas dos países do velho mundo poderiam ser abaladas por uma entidade microscópica que não se originasse nos esgotos da pobreza.

2020 talvez tenha se tornado um ano de concretização de profecias apocalípticas, juízo divino, fim do mundo, extinção da espécie, o “fim da aventura humana na terra⁶”. Não importa a religião, o credo, o ramo científico e a classe social, todos se depararam frente à possibilidade caótica da vulnerabilidade dos nossos sistemas, sejam eles os de saúde, os econômicos ou os imunológicos

⁶ Trecho da música “Eva”, composição de Giancarlo Bigazzi e Humberto Tozzi.

O mundo parou. As cidades pararam. Os aviões estão em terra. Os carros não trafegam. Os navios não saem dos portos. Finalmente o planeta pôde respirar! Para a espécie humana, um tempo de ruínas e, nestas ruínas, incluem-se todas as perturbações que os animais humanos promoveram nas paisagens do planeta em nome de sua tão falada economia. Aprendemos a entender isto com Anna Tsing (2019)! Há aqueles que relatam ser o coronavírus uma resposta imunológica do sistema planetário atacando os parasitas que adoecem a terra. Na sua ansiedade, o humano esqueceu que foi o último a chegar à história evolutiva do planeta. Os vírus, por exemplo, estão aí há bilhões de anos antes de nós. As condições para a existência humana são também resultados do trabalho dos vírus. Bactérias estão aqui desde o princípio da vida. E há animais humanos que se concebem como “donos do pedaço”.

Um ser invisível, com uma fita de RNA envolta por uma cápsula de proteína, acelular, envelopado por uma membrana lipídica, que até hoje nem se pode afirmar que se trata de um ser vivo ou não, foi suficiente para nos enclausurar, nos encapsular em casa e nos mostrar que o planeta terra continuará sua existência caso sejamos extintos. Como ensina Anna Tsing (2019), das ruínas, paisagens perturbadas pelos animais humanos, formas de sobrevivência colaborativa tornam a vida possível. E não tem sido diferente em tempos do novo coronavírus.

Nesse momento de crise do novo coronavírus, muito se falou sobre nós, animais humanos. O interesse de todas as análises permanece sobre os humanos. O nosso ser, como afirma Tsing (2019, p. 144), ocupou tanto espaço na análise que nos esquecemos de que existem outras dinâmicas possíveis, “nem tudo é sobre nós”. O que, para nós, tem sido um cenário apocalíptico e caótico, para os não humanos, tem sido, talvez, um momento de “paz”.

Em diversos países, o isolamento social promoveu a diminuição das atividades humanas, conseqüentemente sobressaíram dados estatísticos animadores para a questão ecológica e ambiental. A Agência Espacial Europeia anunciou uma redução considerável da emissão de dióxido de nitrogênio, gás emitido por usinas de energia, carros e fábricas, comuns na região norte da Itália (FORUM, 2020). A cidade italiana de Veneza, famosa por seus canais marítimos, chamou a atenção dos moradores: geralmente, com as águas dos canais sempre bem turvas e poluídas por conta da atividade humana, em dias de quarentena, as águas dos canais estavam com aparência cristalina e animais não humanos como peixes, cisnes e patos apareceram (FORUM, 2020).

A *National Geographic* publicou que as notícias referentes à presença dos cisnes nos canais de Veneza apontavam que não se tratava de um retorno, mas que era muito comum a circulação desses animais nos canais de Burano, uma ilha na grande área metropolitana de Veneza. Retorno ou não, comum ou não, agora os cisnes foram vistos como habitantes dessa rede multiespécie (DALY, 2020).

A prefeitura de Veneza afirmou que, por conta da movimentação dos barcos, resíduos marítimos atingem a superfície da água e, como consequência, a coloração fica mais escura. Agora, por conta da ausência dessa circulação, os sedimentos decantaram no fundo dos canais e, por conta disso, a água apresentou uma aparência mais clara. Podemos dizer que, agora, a poluição se escondeu “embaixo do tapete” de água, sem humanos.

Na área do parque do bondinho no Pão-de-açúcar, foram vistos Gralha-do-campo, Lagarto Teiú, beija-flores e espécies de abelhas como Jataí, Uruçu-amarela e Mirim (CAETANO, 2020). Pontos turísticos, como o Pão-de-açúcar e a Baía de Guanabara, ficaram praticamente vazios, sem humanos. Neles, outros tipos de animais voltaram a circular livremente, espécies que não são vistas frequentemente apareceram em cenas cariocas. O Claude Lévi-Strauss da música do “O estrangeiro”, de Caetano Veloso, talvez até se encantasse pela Baía de Guanabara, o que faria o compositor a reescrever a letra e o que nos convidaria a reescrever este mundo. Paul Gauguin hoje poderia amar gralhas, beija-flores, teiús e abelhas.

Segundo o biólogo Marcelo Andrade, em entrevista ao Portal G1⁷, isso não significa que os animais haviam desaparecido da área e que só agora estão retornando, mas que sempre estiveram lá, agora estão circulando com mais liberdade. Liberdade, palavra de luxo quando a morte pode estar do lado de fora da porta das nossas casas, preparada para entrar na primeira oportunidade. Com a movimentação das pessoas, esses animais não humanos não tinham a mesma liberdade de circulação ou não eram percebidos por conta do grande fluxo. Agora parece ser a vez deles. Se sobrevivermos à pandemia, tentaremos aprender a circular com eles?

Na Baía de Guanabara, foi possível observar o retorno de animais da fauna marinha, tartaruga verde, fragata, pomba asa branca, suiriri, canário e outros não humanos. A veterinária Andrea Soffiatti, que trabalha com animais silvestres e foi responsável pelos grandes registros das espécies nesses locais, falou que o silêncio das

⁷ Entrevista disponível em: <<https://g1.globo.com/google/amp/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/27/animais-silvestres-sao-vistos-em-pontos-turisticos-do-rio-depois-de-medidas-de-isolamento.ghml>> Acesso em: 01 de abril de 2020.

idades vazias pode ter sido um fator que fez com que os animais reaparecessem na baía. Além disso, segundo ela, a área é de uma grande taxa de migração animal por conta da perda do habitat natural, assim sendo, como é uma área de circulação tanto de animais humanos quanto de não humanos, a ausência dos humanos fez com que aumentasse a circulação dos não humanos. Humanos agora aprenderam a romper o silêncio apenas à noite com panelas que gritam “Fora, Bolsonaro”.

O biólogo Guilherme Cerpa, em entrevista ao mesmo Portal G1, chamou a atenção para outra questão: o silêncio das ruas e a falta do barulho do tráfego dos automóveis e dos pedestres permitiram que outros sons fossem percebidos, como o canto de aves que habitam o meio urbano e os arredores. Essas aves se sentem mais encorajadas a explorar o ambiente urbano quando os animais humanos não estão circulando.

Talvez agora possamos compreender melhor o que Anna Tsing (2019) entende por “assembleia”:

[...]coordenações de variadas maneiras de ser – humano e não humano, vivo e não vivo, dentro e fora da prática iluminista. [...] Assembleia mantém abertas as questões sobre como as variadas espécies em um agregado de espécies influenciam umas às outras. (TSING, 2019, p. 150)

Assim como os matsutakes⁸ estudados por Tsing sobressaem em paisagens perturbadas, que envolvem a relação de imigrantes, coletores, catadores, agricultores, carvalhos, pinheiros e cogumelos em uma paisagem perturbada, mas que nutre a existência multiespécie, também há coordenações entre humanos e não humanos em canais venezianos e em pontos do Rio de Janeiro; assembleias que, pouco perceptíveis na correria dos grandes centros, hoje são vistas por conta do isolamento dos humanos. Eles, os animais não humanos, sempre estiveram aí, de um jeito ou de outro, influenciando uns aos outros e a nós, construindo paisagens de atividades humanas e não humanas, bióticas e abióticas, mundos ativos da vida (TSING, 2019).

Quando foi questionada sobre um possível repovoamento da fauna e flora silvestre, a veterinária Andrea Soffiatti respondeu, ao canal G1, que isso não aconteceria em tão curto tempo, mas, caso as cidades parassem por um ano, poderia sim ocorrer um repovoamento. Isso não nos é nenhuma novidade.

⁸ O matsutake é um cogumelo apreciado na culinária japonesa, porém de difícil cultivo. Os fungos são cultivados em áreas de perturbação lenta. Após a retirada dos carvalhos, surge uma floresta de pinheiros no espaço aberto. Os pinheiros promovem as condições ideais para o surgimento do matsutake.

Nos cenários empíricos de Anna Tsing, as perturbações do ambiente começam quando os agricultores cortam os carvalhos para produção de lenha e carvão. A floresta aberta de carvalhos cortados dá lugar aos pinheiros, o pinheiro, por sua vez, dá condições para o surgimento do matsutake, iguaria da culinária japonesa. Se os humanos abandonassem as florestas de carvalho, o repovoamento da fauna e flora continuaria a acontecer. E nós temos uma prova disso:

Em 1970, na Ucrânia, foi construída uma cidade industrial chamada Prypiat. O objetivo da cidade era abrigar as famílias e os trabalhadores da usina nuclear de Chernobyl. Prypiat chegou a abrigar por volta de 40 a 45 mil pessoas. Exatamente à 1 hora e 23 minutos da madrugada do dia 26 de abril de 1986, durante um teste de segurança, o reator quatro da usina nuclear de Chernobyl explodiu lançando na atmosfera 70 toneladas de urânio e 900 toneladas de grafite. Em uma semana, a radiação de Chernobyl foi detectada na Polônia, Alemanha, Áustria, Romênia, Suíça, Itália, França, Bélgica, Países Baixos, Grã-Bretanha, Israel, Kuwait, Turquia. Projetadas a grandes alturas, as substâncias voláteis se dispersaram e foram registradas ainda no Japão, China, Índia, Estados Unidos e Canadá (ALEKSIÉVITCH, 2016). Como a COVID-19, em uma semana, Chernobyl se tornou um problema do mundo.

Dentro dessa área contaminada pela radiação, estava Prypiat. Após trinta horas do acidente, os habitantes da cidade foram evacuados, eles tiveram quarenta minutos para pegar os itens de maior necessidade e sair da cidade. A área passou a fazer parte da zona de exclusão estabelecida no entorno da usina e Prypiat virou uma cidade fantasma. Até hoje, como escreve Svetlana Aleksiévitich, o sarcófago que cobriu o reator quatro é um defunto que respira. E respira morte! Acreditava-se que nada poderia crescer ali, a radiação faria, ao longo dos anos, o seu trabalho de impedir que a vida surgisse e de matar a vida que ali ficou. Trinta e quatro anos depois, a realidade é totalmente diferente das tais previsões: a vida selvagem proliferou em Chernobyl. Em 2016, o ecologista James Beasley da Universidade da Geórgia documentou os animais que habitam a reserva radioecológica: aves, cervos, esquilos, lincês, lobos, bisões, ursos-pardos⁹, cavalos e peixes testemunham o repovoamento de locais abandonados pelo homem¹⁰. Prypiat com seus prédios, ruas, escolas totalmente abandonadas, como se o desastre tivesse sido ainda

⁹ Espécies de ursos-pardos, que há 100 tinham sido eliminados da área pelos seres humanos, regressaram.
¹⁰ O ecologista James Beasley disponibilizou seu catálogo de imagens dos animais de Chernobyl no link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/06/album/1459962887_945566.html#foto_gal_13> Acesso em: 01 de abril de 2020

ontem, hoje é uma cidade tomada pela fauna e flora selvagem, que resiste à respiração mortífera do reator quatro.

Muitos descreveram os peixes de Chernobyl como monstruosos peixes mutantes por conta do seu grande tamanho. Jim Smith, professor de ciências ambientais na Universidade de Portsmouth, afirma que tais peixes não são resultados de anomalias provocadas pela radiação. Muito pelo contrário, segundo ele, sem a espécie humana no local, os peixes crescem até alcançarem seus verdadeiros tamanhos. Nas palavras de Smith, em entrevista a Ángel León no El País, “isso não significa que a radiação seja boa para a vida selvagem, mas apenas que os efeitos da vida humana, incluindo a caça, a agricultura e a silvicultura, são muito piores” (LEON, 2019).

Então, se o novo coronavírus, e a enfermidade a ela associada, a COVID-19, faz aparecer cenários apocalípticos que podem comprometer a “aventura humana na terra”, por outro lado, tem-nos feito olhar a nós mesmos de perto. Entre ruínas, sejam elas de ruas vazias de humanos por medo da contaminação viral, sejam elas de destroços radioativos de mais de trinta anos, dois ou mais seres (humanos ou não) podem participar na criação de novos mundos, e a verdade mais forte que tem nos abalado nos últimos dias é que nenhum deles, como afirma Tsing (2019), precisa ser humano.

Muitos falam de um mundo novo pós isolamento, pós coronavírus, pós catástrofes. Por muitos dias de isolamento social, de medo e de pânico para os humanos, é fato que o planeta respirou. Respirou com menos poluentes nas ruas de Hong Kong e, com menor grau de poluição, nos canais de Veneza, com a possibilidade de os indianos avistarem a uma distância de cerca de 200 quilômetros o Himalaia¹¹. Em todos os cantos, seres não humanos têm respirado mais aliviado enquanto estamos, nós humanos, confinados e amedrontados. Este é o constrangimento que nos é imposto neste momento. No final disso tudo, quanto tudo passar, quando as ruínas estiverem definidas, surgirá o desafio, como diz Stengers (2015), de aprender a fazer existir um “outro” mundo.

Como desdobramento as reflexões esboçadas aqui, estamos, no Grupo de Pesquisa Ensino, Discurso e Sociedade (DisSE/UNEB/CNPq) e no Grupo Antropologia, Corpo e Ambiente (UNEB/CNPq), articulados no Núcleo de Pesquisa Ensino, Discurso e Sociedade (Núcleo DisSE), empenhados em organizar um Observatório de Emergências Sanitárias e Ambientais. Doenças vetoriais e zoonoses (coronavírus, leishmaniose,

¹¹ Disponível em: <<https://www.greenme.com.br/informarse/ambiente/43833-quarentena-india-himalaia-visto-a-distancia/>>. Acesso em 08 de abril de 2020.

chagas, dengue, zika, chikungunya, malária e outras), epidemias, pandemias e desastres ambientais serão os focos de interesse do Observatório, que deverá reunir informações disponibilizadas pela imprensa, redes sociais e órgãos de regulação dos diversos países afetados por pandemias para constituir arquivos analíticos que poderão subsidiar as construções das problemáticas de pesquisa, as elaborações de políticas públicas e as construções de produtos e práticas educacionais. Os pesquisadores do Observatório farão também investigações etnográficas em campo (hospitais, unidades de saúde, comunidades e famílias afetadas) a fim de descrever como as pessoas vivenciam emergências sanitárias e ambientais, as suas doenças e, inclusive, os seus percursos de tratamento (os cuidados de si), sejam eles associados às políticas e ações dos profissionais da saúde, sejam eles associados às práticas locais que fazem circular saberes da tradição oral. Ainda com os modos etnográficos de pesquisar, outra frente de trabalho do Observatório focará nas relações entre as emergências sanitárias e ambientais e as formações de biólogos, farmacêuticos, médicos, enfermeiros, nutricionistas e outros profissionais. O Observatório refletirá a biossegurança não apenas como um conjunto de ações de prevenção e proteção de humanos em ambientes de laboratório e/ou hospital, mas, seguindo as possibilidades reflexivas daqueles que pesquisam as relações entre humanos e não humanos, buscará criar possibilidades de leitura holístico-preservacionista que sustentam a garantia das existências das diversas espécies de animais (humanos ou não) em coletivos multiespécies e a segurança ambiental dos seus entornos. Equívocos de campanhas publicitárias que giram em torno de enunciados como “vamos acabar com o mosquito” e “um por todos e todos contra o mosquito” produzem um falso efeito de sentido acerca de como deve atuar o Estado: na elaboração de políticas públicas e saneamento básico que diminuam as assimetrias que configuram as opressões da divisão do espaço geográfico, em centros urbanos e em comunidades rurais. No Observatório de Emergências Sanitárias e Ambientais, a natureza não será entendida como recurso nem como ameaça à sociedade, mas como parte daquilo que produz corpos e ambientes, que são também políticos, discursivos, culturais, históricos e sociais.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil: Crônica do futuro**. São Paulo, Editora Schwarcz, 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**. nº 04, volume 51. Jan 2020
Disponível em
https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/janeiro/23/Boletim_epidemiologico_SVS_04.pdf Acesso em 01 de abril de 2020.

CAETANO, Larissa. Animais silvestres são vistos em pontos turísticos do Rio depois de medidas de isolamento <https://g1.globo.com/google/amp/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/27/animais-silvestres-sao-vistos-em-pontos-turisticos-do-rio-depois-de-medidas-de-isolamento.ghtml> Acesso em 01 de abril de 2020.

CASOS de coronavírus no Brasil em 29 de março. **Portal G1**. Disponível em
<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/29/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-29-de-marco.ghtml> Acesso em 01 de abril de 2020.

CHERNOBYL, maior acidente nuclear da história. **Educação Globo**, 2014 Disponível em <http://educacao.globo.com/artigo/chernobyl-maior-acidente-nuclear-da-historia.html>
Acesso em 01 de abril de 2020

DALY, Natasha; **Fake animal news abounds on social media as coronavirus upends life**. Disponível em <https://www.nationalgeographic.com/animals/2020/03/coronavirus-pandemic-fake-animal-viral-social-media-posts/> Acesso em 01 de Abril de 2020.

FIORAVANTI, Carlos; **Primeiros casos de COVID-19 passaram despercebidos durante semanas**. Disponível em
<https://revistapesquisa.fapesp.br/2020/03/27/primeiros-casos-na-italia-passaram-despercebidos-durante-semanas/> Acesso em 01 de abril de 2020.

FORUM, **Quarentena faz vida animal ressurgir nos canais de Veneza**. Disponível em <https://revistaforum.com.br/coronavirus/quarentena-faz-vida-animal-ressurgir-nos-canais-de-veneza/> Acesso em 01 de abril de 2020.

HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 17, n. 35, p. 27-64, June 2011

LEON, Ángel L. A vida abre caminho no ecossistema radioativo de Chernobyl. 2019 Disponível em
https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/ciencia/1551268669_559059.html). Acesso em 01 de abril de 2020.

PIZZIRANI-KLEINER, Aline Aparecida; QUECINE, Maria Carolina. **Transferência horizontal gênica: um importante mecanismo na evolução e variabilidade genética de procariotos**. Disponível em
<http://www.esalq.usp.br/departamentos/lgn/pub/seminar/MCQuecine-200701-Resumo.pdf> Acesso em 03 de abril de 2020.

STENGERS, Isabelle; **No tempo das Catástrofes: Resistir a barbárie que se aproxima**. São Paulo, cosac Naify, 2015.

TASCHNER, Natalia Pasternak . **Gripe Espanhola: 100 anos da mãe das pandemias** Disponível em <https://saude.abril.com.br/blog/cientistas-explicam/gripe-espanhola-100-anos-da-mae-das-pandemias/>. Acesso em 01 de abril de 2020.

TSING, Anna Lowenhaupt; **Viver nas ruínas: Paisagens multiespécies no antropoceno**. Brasília, IEB, 2019.